

## **Oficinas de Sexualidade: uma abordagem ampliada para se trabalhar com adolescentes**

SIEXBRASIL: 17839

**Área temática principal: Saúde**

**Área temática secundária: Educação**

**Autoria: Marta Araújo Amaral – coordenadora**

**Hugo de Araújo Pontes – subcoordenador**

**Larissa Resplandes Lopes – aluna bolsista**

**Teresa Cristina Santa Cecília Massa – participante voluntária**

**Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca – participante voluntária**

**Palavra-chave: adolescentes**

**Instituições envolvidas: Escola de Enfermagem da UFMG e Associação Querubins**

### **Introdução**

O desenvolvimento das Oficinas de Sexualidade com o público adolescente tem sido um desafio constante para professores e bolsistas da Escola de Enfermagem da UFMG assim como outros profissionais de saúde envolvidos no projeto de extensão intitulado “Oficinas de trabalho: uma proposta metodológica de educação em saúde reprodutiva para adolescentes”.

Este trabalho teve início em agosto de 2002 com 16 adolescentes do sexo feminino e masculino matriculados na Associação Querubins, localizada na Vila Acaba Mundo, região sul de Belo Horizonte. A proposta das Oficinas de Sexualidade foi apresentada pelos educadores que já atuavam nesta instituição em atividades de dança, artes plásticas, cultivo de horta orgânica, etc, mas que se mostravam preocupados com a realidade vivida por alguns adolescentes que abandonavam o Projeto Querubins e também a escola tradicional em decorrência de uma gravidez não planejada.

Após contato com os adolescentes para avaliação do interesse dos mesmos em relação à criação de um espaço de discussão sobre questões referentes à sexualidade, três grupos foram formados respeitando a faixa etária e nível de interesse dos participantes. Os encontros foram planejados para serem realizados semanalmente, com duração de aproximadas de 60 minutos, considerando a dificuldade de concentração do grupo em atividades longas. A cada encontro foi possível perceber o ritmo de cada grupo, a receptividade em relação às atividades lúdicas, o interesse crescente em discutir temas ligados à sexualidade, reforçando a pertinência da proposta da modalidade de Oficina como prática educativa para se trabalhar com público jovem.

AFONSO (2002, p.11) caracteriza a Oficina como uma prática de intervenção psicossocial, seja em contexto pedagógico, clínico comunitário ou de política social e a conceitua como “um processo estruturado com grupos, independente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir”.

Para o desenvolvimento da técnica da Oficina, CARNEIRO e AGOSTINI (1994) sugerem algumas etapas como: aquecimento, uso de estratégias facilitadoras de expressão, problematização das questões, processo de troca, análise e articulação com o geral.

FONSECA (2002) propõe fases similares ao apresentar a estrutura básica de uma Oficina, sendo elas: aquecimento, reflexão individual, reflexão grupal, síntese. Ambas as propostas apresentam o momento inicial de descontração e entrosamento do grupo como fundamentais para as fases seguintes de reflexão individual e grupal. Reforçam também a etapa complementar de análise e síntese das questões discutidas, quando será feita uma articulação com a realidade vivenciada pelo grupo.

CHIESA e WESTPHAL (1995) destacam a possibilidade da Oficina permitir uma relação horizontal entre técnicos e população, considerando que o espaço de discussão tem como objetivo resgatar os conhecimentos existentes, permitir a manifestação de sentimentos relativos à vivência, facilitar a expressão e comunicação intergrupal e motivar a discussão de conteúdos.

Entendemos que a proposta da Oficina tem grande afinidade com o público adolescente e apresenta inúmeras possibilidades de trabalho e de crescimento. Uma destas refere-se à modalidade de prática educativa, ou seja, a garantia de espaços para que os adolescentes se expressem com liberdade, exerçam sua criatividade, reflitam sobre as múltiplas mudanças que ocorrem neste período de suas vidas e discutam questões de seu interesse.

A Oficina de Trabalho traz ainda a possibilidade do lúdico, promove a descontração e a criação de elos entre os participantes do grupo de uma forma crescente, desde que as atividades propostas ocorram em clima acolhedor e de respeito.

Para PINTO (2001), a modalidade de Oficina propicia um espaço onde os adolescentes sentem-se acolhidos e convidados a participar, a expressar seus sentimentos e necessidades. Nesse ambiente de reflexão e diálogo, o adolescente é estimulado a assumir a sua identidade, a respeitar as diferenças e a interagir com o grupo.

A experiência vivenciada com os adolescentes do Projeto Querubins motivou-nos a apresentar este trabalho, visando compartilhar com outros profissionais que atuam com adolescentes os avanços e dificuldades apresentadas no decorrer desta proposta educativa e a articulação dos temas discutidos com o grupo.

## **Objetivos**

- ✓ Relatar as experiências das Oficinas de Sexualidade com adolescentes, dos sexos feminino e masculino, desenvolvidas na Associação Querubins;
- ✓ Analisar as Oficinas de Sexualidade como uma estratégia educativa para trabalhar com grupos de adolescentes.

## **Metodologia**

Trata-se de um estudo descritivo, no qual apresentamos as oficinas como estratégia educativa com adolescentes dos sexos femininos e masculinos, matriculados na Associação Querubins, com idade entre 11 e 17 anos, no período de março a julho de 2005.

Dentre as 10 Oficinas realizadas neste período, optamos por detalharmos a organização de quatro delas por considerarmos a importância das mesmas na ampliação do conceito de sexualidade e a avaliação do grupo quanto a proposta da Oficina como espaço de reflexão e discussão sobre as múltiplas mudanças e situações específicas da adolescência.

A seguir listamos as oficinas por ordem de realização:

I-Vamos falar de sexualidade?

II- Nosso corpo em transformação

III- Ser adolescente: papéis femininos e masculinos

IV- Conversando sobre a gravidez na adolescência

V- Métodos Contraceptivos: o que sei sobre isto?

VI- Prevenindo as Doenças Sexualmente Transmissíveis

VII- Auto-estima: como anda a sua?

VIII- Planos de vida: onde quero chegar?

IX- Quando o assunto é violência...

X- Oficina de Sexualidade: como me sinto nesta proposta?

Descrição das Oficinas:

Tema	Objetivos	Estratégias Facilitadoras
III - Ser adolescente: papéis femininos e masculinos	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Discutir as dúvidas mais freqüentes das meninas e dos meninos acerca da sexualidade;</li> <li>✓ Refletir sobre o comportamento masculino e feminino diante de diferentes situações: amizade, família, namoro, iniciação sexual</li> <li>✓ Discutir os papéis e funções socialmente atribuídas ao sexo feminino e masculino</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Jogo: afetividade e sexualidade na adolescência;</li> <li>✓ Concordo ou discordo: sorteio de fichas.</li> <li>✓ Sociodrama</li> </ul>
VIII – Auto-estima – como anda a sua?	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Discutir o conceito de auto-estima;</li> <li>✓ Possibilitar o aprofundamento da percepção de si mesmo;</li> <li>✓ Favorecer o auto conhecimento dos adolescentes.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Abrindo o coração</li> <li>2. Escada das qualidades;</li> <li>3. Leilão de valores.</li> </ol>
IX – Uma vida pela frente: onde quero chegar?	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Estimular uma reflexão individual sobre os planos futuros em relação ao estudo, trabalho e vida afetiva.</li> <li>✓ Discutir estratégias para o alcance de metas pessoais.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Árvore da vida;</li> <li>2. Dizendo sim... Dizendo não... na palma da mão;</li> <li>3. Ingredientes para uma vida feliz.</li> </ol>
X – Oficina de Sexualidade: como me sinto nesta proposta?	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Estimular a auto avaliação dos adolescentes em relação ao comportamento pessoal e sua participação no grupo durante as Oficinas de Sexualidade, considerando o início das atividades e o momento atual;</li> <li>✓ Favorecer o fortalecimento de vínculos afetivos entre os</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ficha de auto avaliação;</li> <li>2. Fábula da convivência;</li> <li>3. Brindando a vida, a Oficina e as amizades.</li> </ol>

	participantes ✓ Levantar expectativas e sugestões das adolescentes para a programação de novas Oficinas de Sexualidade.	
--	--	--

## Resultados e discussão

Com a realização das Oficinas, foi possível constatar um movimento dialético da prática modificando o conhecimento, e este criando novas práticas.

Reconhecemos que a Oficina como proposta educativa de cunho emancipatório requer por parte do instrutor e dos participantes uma grande mobilização, pois visa, além da construção do conhecimento, a transformação de posturas e ações no mundo em que vivem.

A prática da Oficina possibilitou-nos aproximar das adolescentes, associar “o ouvir” e “o olhar” para compreender melhor seus sentimentos, entender sua inquietação como forma de comunicação e a reconhecer o potencial latente de cada uma delas. O comportamento inquieto e instável das adolescentes levou-nos a adaptar e elaborar novas técnicas que motivassem a participação do grupo de forma dinâmica e, ao mesmo tempo, reflexiva. Gradativamente, as relações de cooperação e reciprocidade entre as adolescentes foram se fortalecendo, assim como os posicionamentos individuais, o que resultou em um crescimento progressivo do grupo.

FONSECA (2002), ao analisar a Oficina de Trabalho como prática educativa, apresenta quatro pressupostos norteadores dessa proposta: participação, responsabilidade compartilhada, auto-estima e empoderamento. Considerando esses pressupostos, apresentamos uma análise voltada para as especificidades do público adolescente, descrevendo como eles se constituíram durante as Oficinas.

### Participação:

A participação dos adolescentes durante as Oficinas foi gradativa, mas nem sempre contínua. Alguns fatores interferiram nesse processo como: relações interpessoais, inibição em discutir questões referentes à sexualidade, grau de entrosamento do grupo ou, ainda, reflexos do momento vivido por eles, marcados por diferentes sentimentos - alegria ou tristeza, acolhimento ou discriminação. Essa freqüente instabilidade emocional entre os adolescentes refletia na sua participação durante as Oficinas sem, contudo, invalidar sua colaboração. Uma experiência negativa apresentada por um dos participantes ou pelo grupo em determinado momento da Oficina podia ser totalmente modificada na sessão seguinte, reforçando a importância de uma atitude observadora e paciente dos instrutores diante das dificuldades e dos conflitos apresentados, utilizando-os como fonte geradora de reflexão e de crescimento.

Dois outros aspectos, apesar de serem independentes, merecem ser mencionados, já que ocorreram de forma articulada e complementar, interferindo diretamente na participação das adolescentes: a empatia estabelecida entre os instrutores/bolsista e o grupo e a utilização de técnicas motivadoras (jogos, desafios, recursos áudiovisuais, etc). Tão importante quanto motivar a participação das adolescentes foi entender o momento vivido por elas, acatar e valorizar suas sugestões. Assim, gradativamente, as adolescentes sentiram-se mais seguras e acolhidas, e, conseqüentemente, mais responsáveis pela proposta das Oficinas e mais colaborativas.

Em consonância com essas idéias, reafirmamos ser a Oficina um espaço de crescimento mútuo não apenas para os participantes, mas também para o instrutor. Todas as contribuições merecem ser consideradas e valorizadas, pois a partir delas novos conhecimentos poderão ser construídos e outras posturas poderão ser assumidas.

### Responsabilidade compartilhada

A frequência semanal das Oficinas favoreceu o entrosamento do grupo, aumentou o nível de confiança, estimulou a cooperação e o respeito entre as participantes, interferindo positivamente no comportamento apresentado.

O grau de responsabilidade assumido pelos grupos foi variável, porém os próprios participantes demonstravam desagrado e faziam cobranças quando um dos colegas assumia uma posição passiva, de apenas receber informações. Quanto menor o grupo mais as adolescentes assumiam a responsabilidade de participar das atividades e demonstravam maior vínculo afetivo entre eles. Assim as mudanças no grupo causadas pelo ingresso de novos membros e instrutores interferiram no comportamento e nas responsabilidades assumidas individual e coletivamente.

Outro aspecto merece ser destacado: o rendimento das tarefas foi maior nos subgrupos formados por afinidade e por escolha pessoal, cabendo à instrutora estimular reflexões sobre as diferenças e o respeito pelo outro em um trabalho de grupo.

A relação horizontal e dialógica assumida na Oficina por instrutores e adolescentes estimulou a verbalização das dificuldades apresentadas pelo grupo e propostas de superação dos conflitos. Mesmo diante das diferenças, um pacto de responsabilidade foi sendo construído a cada encontro, resultando em um crescimento conjunto.

### Auto-estima:

O adolescente que participa do processo de Oficinas é estimulado a elaborar um auto-conceito positivo em relação a si mesmo, a reconhecer e expressar sua potencialidade, defender suas opiniões diante do grupo, o que favorece a construção da sua auto-estima. Porém o aprender a gostar de si deve ser construído junto com o aprendizado do respeito ao outro, às diferenças individuais, às especificidades, pois, caso contrário, poderá haver imposição, domínio, sentimento de sentir-se melhor que o outro.

No decorrer das Oficinas foi possível constatar uma mudança gradativa de vários comportamentos dos adolescentes como: reconhecimento de qualidades pessoais, cuidado com a aparência física, orgulho por uma tarefa desempenhada, posicionamento e defesa de suas opiniões diante do grupo, respeito pelas diferenças de comportamento dos colegas, dentre outros, o que refletiu no fortalecimento da auto-estima dos participantes. Observamos, porém, que a construção da auto-estima na adolescência ocorre de forma fragmentada, susceptível a inúmeras influências e variações, o que faz o adolescente se sentir forte em determinados aspectos e fragilizada em outros, inclusive no rendimento escolar, na habilidade artística, aparência física, nas relações amorosas e de amizade, etc... A tendência à autodepreciação e supervalorização da opinião dos colegas interfere negativamente na formação da sua auto-imagem.

A Oficina mostra-se como um espaço de reflexão e crescimento para as adolescentes no que se refere a suas potencialidades e limitações, à imagem do próprio corpo, aos comportamentos e posturas no grupo. Estimula, ainda, o adolescente cuidar de si mesmo e de refletir sobre seus pensamentos, palavras e ações.

Nesse processo de construção da auto-estima merece ser lembrada a participação da família e da escola. Uma articulação entre Oficina, pais e escola é uma solução estratégica para se criar espaços de convivência regidos pelo diálogo, respeito, criatividade e contribuir, conseqüentemente, para a elevação da auto-estima dos adolescentes.

A prática das Oficinas possibilitou constatar que, à medida em que os adolescentes se sentiam mais confiantes, eles tornavam-se mais participativos, defendiam com mais firmeza suas opiniões, mostravam-se mais flexíveis nas relações interpessoais, mais persistentes na busca de seus objetivos.

Dentre os quatro pressupostos apresentados por FONSECA (2002), percebemos que no grupo de adolescentes a auto-estima mereceu um destaque especial, pois foi a partir dela que se desencadearam novos comportamentos que refletiram a participação, a responsabilidade compartilhada e o empoderamento das participantes, fortalecendo novamente a auto-estima e iniciando outro ciclo que dá sentido à proposta de Oficinas.

#### Empoderamento:

Neste trabalho, o termo “empoderamento” foi utilizado como o processo em que os adolescentes reforçam seu poder interior para expressar suas idéias e opiniões, ampliam sua auto-confiança e direcionam suas ações visando uma melhor qualidade de vida. Entendimento este consonante com os princípios apresentados por BATLIWALA(1994); WALLERSTEIN & BERNSTEIN(1988).

Diante da continuidade das Oficinas foi possível perceber um posicionamento diferenciado das adolescentes diante do grupo, os quais mostravam-se mais confiantes, responsáveis e solidários no desenvolvimento das atividades propostas. Contudo apresentavam um ritmo diferenciado, conforme a faixa etária, em relação ao empoderamento. Os adolescentes com mais idade traziam mais bagagem de informações, apresentavam atitudes mais firmes e posicionamentos mais críticos. Os adolescentes mais jovens apresentavam maior abertura para mudanças e, com menor resistência, incorporavam valores. Considerando a diversidade de comportamento dos grupos, mas tendo a clareza dos objetivos a serem atingidos em relação ao desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, a construção de conhecimento e a relação do adolescente consigo mesmo, com os outros e com o mundo, reforçamos a cada Oficina, para ambos os grupos, a necessidade de revisarem suas posturas e valores, assumirem gradativamente a responsabilidade sobre suas vidas, posicionarem-se de forma crítica, consciente e positiva diante de situações que vivenciavam no seu cotidiano.

Ao avaliarmos o comportamento dos adolescentes que participaram das Oficinas de Sexualidade, constatamos inúmeras atitudes e ações que refletiam o empoderamento individual, muitas delas associadas ao fortalecimento da auto-estima como: maior facilidade de expressar suas opiniões, tanto verbalmente como na escrita, e de defendê-las diante do grupo, apresentação de sugestões e propostas de redefinição de normas em relação à Oficina, posicionamento mais crítico diante de situações em debate ou apresentadas na mídia referentes à sexualidade, ampliação do entendimento sobre comportamento saudável e responsável da sexualidade, dentre outros.

As posturas e os comportamentos aqui destacados e outros apresentados durante as Oficinas reforçaram o fortalecimento do poder interior, da autoconfiança e o direcionamento consciente das ações das adolescentes. O empoderamento, assim considerado, muito se aproxima das propostas apresentadas por UNESCO (1996) que defende a formação do adolescente baseada em quatro competências necessárias para o ser humano realizar-se como pessoa, como trabalhador e como cidadão: competência pessoal (aprender a ser); competência social (aprender a conviver); competência produtiva (aprender a fazer), competência cognitiva (aprender a conhecer).

No sentido mais imediato, empoderamento significa, para o adolescente, o seu fortalecimento interno. Contudo sabemos que ele não é estático, renovando-se ao longo de toda a vida e contribuindo, certamente, para uma geração de homens e mulheres mais conscientes, responsáveis, determinados, solidários, competentes e felizes.

Aos quatro pressupostos apresentados por FONSECA (2002), acrescentamos a empatia como um dos pilares das Oficinas de Trabalho. Ficou visível, a cada encontro, a capacidade dos adolescentes de colocarem no lugar da colega, solidarizando-se diante dos relatos apresentados

pelo grupo e refletindo em conjunto sobre situações cotidianas. A empatia estabelecida entre os adolescentes e, também, entre elas e os instrutores são de vínculos afetivos.

### **Considerações finais**

A cada Oficina de Trabalho formou-se uma teia de relações, onde cada adolescente ao se conhecer melhor, assim como o contexto em que está inserido, posicionou-se com mais segurança e espírito crítico. As relações foram fortalecidas gradativamente no grupo, com repercussão positiva nas atitudes dos participantes.

Mais que uma estratégia educativa a oficina se mostrou uma possibilidade de empoderamento dos adolescentes, abrindo espaços para posicionamentos mais conscientes respeitosos e solidários entre os participantes, preparando-os para a vida adulta.

Entendemos portanto, que a proposta da Oficina tem um cunho afetivo, intelectual e também político, pois considera sentimentos e relações entre participantes, estimula a construção conjunta de conhecimentos e envolve uma ação transformadora sobre a realidade, tendo em vista modificá-la positivamente.

### **Referências bibliográficas**

AFONSO Lúcia. Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2002. p. 11-59.

BATLIWALA S. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: Sean G, Germain A, Chen LC, editors. Population policies reconsidered: health, empowerment, and rights. Boston: Harvard Center for Population and Development Studies; 1994. p. 127-138. (Harvard Series on Population and International Health).

CARNEIRO F, AGOSTINI M. Oficinas de reflexão: espaço de liberdade e saúde. In: AGOSTINI M. Trabalho feminino e saúde. Rio de Janeiro, 1994. p. 52-83.

CHIESA A. M, WESTPHAL MF. A sistematização de Oficinas Educativas problematizadoras no contexto dos serviços de saúde. Revista Saúde, São Paulo, n. 46, p.19-21.1995.

FONSECA R.M.G.S Investigando, construindo e reconstruindo a enfermagem generificada através das Oficinas de Trabalho. In: 2º ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, Águas de Lindóia, 2002. Anais do 2º Encontro Internacional de Pesquisa em Enfermagem: Trajetória Espaço-Temporal da Pesquisa, Águas de Lindóia, SP. CD-ROM.

PINTO, M.C.P. Oficinas em dinâmica de grupo com adolescentes na escola: a construção da identidade e autonomia mediada pela interação social. 2001. 140f. Dissertação(Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

UNESCO. Educação: um tesouro a descobrir. Lisboa: Edições ASA, 1996.

WALLERSTEIN N, BERNSTEIN E. Empowerment education: freire's ideas adapted to health education. Health Education, v.15, n.4, p.379-94. 1988.